

# Referendo



06

## “Brexit”: quando os historiadores vão à luta

**No dia 23 de Junho, o Reino Unido decidirá,** em referendo, se permanece na União Europeia. Dada a gravidade da escolha, cujas consequências ninguém de bom senso consegue prever, o debate tem sido invulgarmente duro e dramático. Os historiadores não podiam ficar de fora: dividiram-se entre o “sim” e o “não”.

Um artigo da revista francesa “L’Obs” dá conta disso. A favor da saída, os *Historians for Britain*, liderados por Andrew Roberts, especialista do período napoleónico e da II Guerra Mundial e professor convidado do King’s College. Do outro lado da barricada, os *Historians for History*, tendo à frente Edward Madigan, estudioso da I Grande Guerra e professor na Universidade de Londres. A ‘batalha’ decorre há um ano em todos os cenários disponíveis: jornais, BBC, Twitter. E como em todos os debates realmente decisivos, a violência verbal de imprensa substituiu a troca de argumentos intelectuais. Porque o referendo – nisso concordam as duas partes – obrigou os britânicos a pensarem a sua identidade, aquilo



**Britânicos**

decidem se ficaram ou não na União Europeia

que verdadeiramente foram e são. Só que cada grupo analisa diferentemente a História do país, uma prova mais, se precisa fosse, de que os historiadores apenas procuram alcançar um horizonte de verdades possíveis, não “A Verdade”.

As hostilidades foram abertas pelos pró-saída, com uma carta aberta intitulada: “Britain, apart from or a part of Europe?” (Grã-Bretanha, uma parte da Europa ou à parte da Europa?). Segundo eles, a história do país seria mesmo especial, com a sua commonlaw, a soberania parlamentar, as suas vetustas universidades e monarquia, em suma “uma continuidade inigualável na Europa continental”, isto desde a Idade Média. Um país de “brandos costumes” (sim, os ingleses), nunca mais invadidos depois dos Normandos, em 1066, soube poupar-se aos nacionalismos, ao anti-semitismo, ao fascismo ou ao comunismo. A resposta foi fulminante: poucos dias depois, é publicado um manifesto de 280 historiadores com o título: “Fog in Channel! Historians isolated!” (parodiando um cé-

lebre título do “Daily Mirror” dos anos 30: “Fog in Channel! Continent cut off!”; ou seja, Nevoeiro na Mancha! Continente isolado!). Segundo estes, os colegas ‘secessionistas’ teriam uma visão enviesada, passadista, simplista e realmente nacionalista do passado (e, acusação mais grave, estavam assumidamente ligados ao lóbi económico favorável à saída). Ora, o passado das ilhas nunca foi nem tão exaltante nem tão especial: no século XVII, a Escócia, a Irlanda e a Inglaterra foram dilaceradas por revoluções sangrentas; a política, a economia e a cultura britânicas sempre estiveram estreitamente ligadas às da restante Europa. A prestigiada monarquia tem algumas das suas raízes mais profundas na dinastia Plantageneta, ou seja, na Casa de Anjou. E o que foi a “Guerra dos Cem Anos”? A discussão, aqui mal resumida, transferiu-se rapidamente para os 60 anos de União Europeia, inúteis, segundo os primeiros, valiosíssimos, de acordo com os segundos. Mais um ponto de acordo: o debate não foi construtivo. Poderia? **LUIS MIGUEL DUARTE**